

GRANDES FAZENDAS PRODUZEM GRANDES GRIPE:

Expedições sobre a Influenza,
Agronegócio e Ciência da Natureza



Rob Wallace

Aviso de Copyleft: Esta publicação é uma ferramenta de luta contra o capitalismo, a colonialidade e o patriarcado em todas as suas expressões. Por isso, pode e deve ser reproduzida para ler em qualquer lugar, discutir em grupo, promover oficinas, citações acadêmicas, rodas de conversas e fazer impressões para fortalecer o seu rolê anarquista / banquinha de zines / coletivo. Compartilhar não é crime. Pirataria é multiplicação.

Copie e distribua livremente.

***Facção Ficctia
Outono de 2020***

faccaoficticia.noblogs.org

SUMÁRIO

Prefácio.....3

Parte I.....11

PREFÁCIO

Quando não tínhamos meios, dissemos que os fins justificam os meios. Agora que não temos fins, dizemos que os meios justificam o fim. Também não é imoral. O que é totalmente imoral é que não há mais contradição entre os dois: os fins e os meios se tornaram indiferentes um para o outro. Eles simplesmente já não são da mesma ordem. Tudo funciona maravilhosamente, expandido como isopor, impulsionado pelos fluxos genéricos dos geradores: a metástase do Bem. Tudo corre mal, todos os circuitos divergem, movidos pela ansiedade e levados à ansiedade: os erráticos do Mal.

— Jean Baudrillard (1995)

“Eventualmente”? É só isso? Eventualmente?” Hooock Seng atira-se a ele. “Eu não quero saber de ‘eventualmente’. Eu preocupo-me com este mês. Se isto... fábrica não produz, não teremos a chance de nos preocupar com este “eventualmente” de que falas. Estarás de volta a Thonburi, a escolher através das tripas de galinha e esperando que não sejas atingido pela gripe, e eu vou estar de volta numa torre de cartão amarelo. Não te preocupes com o amanhã. Preocupa-te sobre se o Sr. Lake nos atira todos para a rua hoje. Use... a tua imaginação. Encontra uma maneira de fazer esta alga do gaiside reproduzir-se.”

— Paolo Bacigalupi (2009)

INTRODUÇÃO

Darei uma palestra sobre Ebola amanhã em Haward. Mas, como sou desempregado e estou em Boston por minha própria conta, encontro-me no The Milner Hotel. Por acaso, foi onde Mohamed Atta, Marwan al-Shehhi, Fayez Banihammad e Mohand al-Sheri ficaram antes de sequestrar o voo 11 da American Airline e o voo 175 da United Airline em 11 de setembro. [1]

O hotel serve o suficiente e sua reputação agora está mais à mercê de revistas online do que de um plano terrorista de quinze anos atrás. No entanto, não posso evitar, sinto uma corrente de reconhecimento. Não tenho afinidade com a Al Qaeda e seus descendentes ou com os nossos aliados sauditas que financiaram o ataque [2]. Eu estava na cidade de Nova Iorque naquele dia e quando ainda permanecia na cidade evitava cuidadosamente o Marco Zero, tanto pelas lembranças dolorosas quanto por suas lojas de presentes, de tábuas de queijo muito caras e cães de pelúcia que comemoravam um assassinato em massa. [3]

Há, porém, em minha acomodação, segundo a história, um senso de destino compartilhado simetricamente invertido no sombrio espelho do quarto sujo. Embora uma vez eu tenha tido uma carreira promissora como biólogo evolucionário pesquisando sobre influenza, prestando consultoria para a Organização para Agricultura Alimentar da ONU e para Centros de Controle e Prevenção de Doenças, agora me vejo profissionalmente no ostracismo, à beira de ganhar o apelido de inimigo do Estado.

Não é uma questão da qualidade do meu trabalho – continuo publicando – ou mesmo a duvidosa lealdade para o império neoliberal atacado em 2001 por razões pelas quais discordo. A lista negra deriva das decisões que tomei sobre a natureza da ciência. Durante a produção da estatística filogeográfica da gripe aviária H5N1, fazendo um mapa da migração do vírus usando sequências genéticas coletadas em várias zonas de surto, eu e o biólogo evolucionista Walter Ficht confirmamos que a cepa surgiu em Guangdong, uma província do sudeste da China próxima a Hong Kong [4]. A repercussão deste trabalho me levou para duas direções que uma mentalidade mais carreirista evitaria, bem como a praga.

Primeiro, as autoridades de Guangdong denunciaram nosso trabalho antes mesmo de ser publicado (mais sobre isto nas páginas seguintes). Embora eu tivesse anteriormente sido duro por uma dissertação que estudava o HIV/AIDS na cidade de Nova Iorque, fiquei surpreso que qualquer trabalho desse tipo acabasse sendo motivo de intrigas internacionais. Então, eu aprendi por mim mesmo a arte das trevas da economia política da pesquisa pandêmica. Supostamente esta prática visa aperfeiçoar a autodefesa, mas assumir a iniciativa em tais questões em vez de silenciar em concessão como um bom pesquisador iniciante, torna-lhe mais um alvo (mais disso também a seguir).

Enquanto buscava complementos filográficos, e tinha mais trabalhos, no final fui desviado a uma segunda direção por minha curiosidade, e não por interesse próprio, embora se espere que o melhor da ciência alinhe os dois, enfim, na direção do anterior para o segundo. Não importa como eu olhei para elas, as sequências genéticas da influenza que eu estava compilando não podia me dizer por que o H5N1 surgiu em Guangdong em meados dos anos 90. Então, comecei a examinar a geografia econômica das áreas, particularmente a maneira como um setor agrícola em transformação modifica as trajetórias dos patógenos. Muitos dos meus colegas evolucionistas não tinham a menor noção do que eu estava fazendo, e os cientistas sociais que se interessaram se afastaram pelo empirismo positivista no qual continuo seguindo. Eu me vi preso num buraco entre epistemologias, com a sorte profissional de mostrar isto. E Boston é muito cara nesta época do ano!

Havia a complicação adicional de que esses dois caminhos que encontrei se encontram rotineiramente. Repetidamente descobri que o poder político forma as duas: as doenças infecciosas e a ciência que as estuda. Eu ainda me encontrava despreparado para a natureza e a extensão dessas ligações depravadas. Em nome da população que pretendem servir, empresas e governos estão dispostos e são capazes de arriscar o fim da humanidade como a conhecemos. Talvez sejam notícias velhas para os leitores de Herodoto, Montaigne e Melle Mel, mas as múltiplas formas dessas observações devem sempre ser, pelo menos em algum canto de nós, uma surpresa. Caso contrário, nosso elogio cínico leva-nos para inação.

Na minha área, epidemiologia evolutiva, cheguei à conclusão de que a Big Food entrou em aliança estratégica com a gripe, um vírus que assumiu recentemente uma virada perigosa num acidente industrial contínuo e totalmente evitável do próprio agronegócio multinacional. Ou seja, para não deixar dúvidas da minha argumentação, o agronegócio, apoiado pelo poder estatal no país e no exterior, está agora trabalhando tanto com a gripe quanto contra ela. Claramente além do discurso respeitável. No entanto, apesar das minhas dificuldades profissionais, aqui estamos apresentando muitos relatórios para esse efeito.

A logística na qual cheguei a essa coleta são comparativamente simples. Em 2009, como parte de um trabalho familiar, fui coautor de um livro com os meus pais, Rodrick Wallace e Deborah Wallace, sobre resiliência ecológica na evolução dos patógenos humanos [5]. Como é de costume hoje em dia, criei um blog para acompanhar os lançamentos do livro. [6]

Pathogens ganhou vida própria. Usei o blog como um bloco de notas para revisar e refazer novas descobertas, novas para mim, incluindo aquelas que levaram ao choque do “Viral Vichy” agroalimentar, um regime que colabora com o vírus. Este livro reúne alguns dos melhores comentários, editados ligeiramente aqui; eu escrevi vários artigos mais longos que foram revisados por pares e publicados em *Antipode*, *Human Geography*, *Social Science e Medicine*, e o *International Journal of Health Services*; e quatro notícias publicadas em nenhum outro lugar.

Algumas partes foram escritos com uma audiência pública em mente. Algumas eram meras rotas traçadas para mim. Duas foram proferidas como discursos ao público profissional do qual se beneficiariam bastante. À medida que esses ensaios desenvolvem linhas de pesquisa ao longo de quase uma década, há pequenas sobreposições

e vergonhosas repetições aqui e ali. Peço paciência ao leitor, mesmo porque os textos apresentam uma luta ativa para construir um entendimento do que eram, ao mesmo tempo, circunstâncias que se movem rapidamente a partir das profundezas do núcleo do nosso modo de civilização.

Os textos se concentram amplamente na gripe, como objeto biocultural e antagonista sociopolítico, mas também aprofundam na agricultura, em outras doenças infecciosas, na evolução, na resiliência ecológica, biologia dialética, a prática da ciência e, de volta às notícias, revolução. Enquanto eu seguir minha musa, talvez até fora do mapa, os temas informem caminhos muitas vezes surpreendentes e às vezes criticamente necessários.

Por que surpreendente? Para muitos pesquisadores, os limites do universo são definidos pelos limites de sua disciplina. Por uma falácia platônica, outros confundem suas metodologias com a forma como o mundo funciona. É claro que as possibilidades não precisam ser tão limitadas. Multidisciplinaridade bem sucedida casa-se com o que parece ser, à primeira vista, um pensamento incompatível. Aqueles que se preocupam em negociar um estranho sinergismo de idéias geralmente se deparam com descobertas inesperadas que seu trabalho nunca teria descoberto.

Os impactos que recebi me convenceram da importância de reconfigurar as próprias entranhas do estudo da epidemiologia evolutiva. Tanto a mudança climática quanto os patógenos, uma grande e terrível ameaça global para humanos e muitos não humanos, como a Espada de Dâmocles, pairam acima da civilização e respeitam pouco a disciplinaridade.

A dinâmica do patógeno geralmente surge de uma infinidade de causas, interagindo em várias escalas de tempo e espaço e através de domínios bioculturais. Aprendi no curso de meu estudo sobre a evolução da história de vida do HIV, por exemplo, que o vírus usa processos no nível da organização para se defender contra impedimentos direcionados a ele no segundo nível [7]. As intervenções a seguir devem basear-se em uma multidimensionalidade que os próprios problemas médicos e de saúde pública se manifestam. De outra forma, muitas epizootias permanecem intratáveis, independente de quais drogas ou vacinas inovadoras sejam desenvolvidas.

É nesse contexto que dediquei minha carreira até agora, a aplicar minha formação em ecologia evolucionária para estudar como as doenças infectocontagiosas operam no que, ao longo da história da humanidade, se desenvolveu em um mundo intrinsecamente socializado. Os seres humanos construíram ambientes físicos e sociais, na terra e no mar, que alteraram radicalmente os caminhos pelos quais os patógenos evoluem e se dispersam.

Os patógenos, no entanto, não são meros protagonistas golpeados pela maré da história humana. Eles também agem por vontade própria, se você der licença ao antropomorfismo. Eles mostram agência. E em virtude de suas mudanças evolutivas forçaram o agronegócio à mesa da barganha, um lugar em que esses indivíduos, por seu sucesso, acham que são excelentes. O acordo resultante é escrito como nenhum tratado ou contrato, nem mesmo em qualquer coisa que reconheceríamos como comunicação. Pode-se encontrar em vez disso uma forma de convergência xeno específica. As duas partes manobram em uma agricultura de interesse mútuo, às vezes reagindo com força dentro do domínio de uma em favor da outra. Pode-se pensar que

talvez essa convergência possa ser, na melhor das hipóteses, inconsciente. Talvez um emergente epifenômeno. Eu descobri o contrário e isso é o chocante. Nenhum vírus criado em laboratório, nenhum plano para propagar a gripe propositalmente, mas uma conspiração de homem e micróbio, com a humanidade e muitas populações selvagens em risco. Essa noção de selvagem é somente minha. Mas aos meus co-autores de alguns destes textos, meu sincero agradecimento por sua generosidade e bons trabalhos: Katie Atkins, Luke Bergmann, Marius Gilbert, Lenny Hogerwerf, Mollie Holmberg, Richard Kock, Raffaele Mattioli, Claudia Pittiglio, Deborah Wallace, and Rodrick Wallace. Special thanks to other collaborators past and present, including Robyn Alders, Dudley Bonsal, William Boto, Noah Ebner, Walter Fitch, Alison Galvani, Kris Hall, Gary Hayward, Rolph Houben, Vincent Martin, Joachim Otte, Jan Slingenbergh, and Thomas Van Boeckel.

Obrigado também ao Mike Davis, que escreveu um livro sobre gripe que me fez comentar em voz alta na loja que encontrei, “Uau, isso está perfeito!” [8] Claro, isso não foi bem assim. Alguns dos melhores livros continuam a falar conosco muito depois de os termos terminado. Tanto que, na verdade, subconscientemente, muito do trabalho aqui descrito seguiu muitos dos pontos que o Mike levantou e das questões que levantou.

Um profundo agradecimento a Michael Yates, Martin Paddio e Susie Day na Monthly Review Press, e a Erin Clermont, pelo seu exemplar de publicação conscienciosa. E a Peter Cury, a minha gratidão por ter desenhado a capa.

Pelo seu apoio e feedback, agradeço aos amigos, vizinhos e apoiadores Jason Andors, Tamara Awerbuch, Kazembe Balagun, Adia Benton, Terrence Blackman, Sarah Burgess Herbert, Valentine Cadieux, Jahi Chappell, Luis Fernando Chaves, Justin Cheatham, John Choe, Susan Craddock, Leah Danoff, Shoshana Danoff Fanizza, Nicoline De Haan, Michael Dorgan, Belén Fernández, Mindy Fullilove, Tamara Giles-Vernick, Columba Gonzalez, Veronica Gorodetskaya, Carlos Grijalva-Eternod, Chris Gunderson, Larry Hanley, Tamara Harris, Steve Hinchliffe, Megan Hustad, Julie Jefferson, Tammi Jonas, Katrina Karkazis, John Kim, Colin Kloecker, Mukul Kumar, Jonathan Latham, Ruby Lawrence, Richard Levins, Adrienne Logsdon, Alexis Logsdon, Dave Logsdon, Juliette Majot, Melissa Mathes, e Shanai Matteson.

Mais uma salva de palmas para Heather McGray, Felicity Mungovan, Scott Newman, Mike Noreen, Eric Odell, Luba Ostashevsky, Patrick Otto, Raj Patel, Richard Peet, Dirk Pfeiffer, Tom Philpott, Jessica Raymond, Robert Rockwell, Ilana Rudnik, Mary Shepherd, Brad Sigal, Janie Webster Sohmer, Matt Sparke, Jeffrey St. Clair, Elisabeth Stoddard, Jayelinda Suridge, John Takekawa, Keeanga-Yamahtta Taylor, Peter Taylor, Jeanine Webster, Kirstin Weigmann, Dale Wiehoff, Kim Williams-Guillen, Chris Wright, Xiangming Xiao, todos os comentadores do Farming Pathogens e a sua página no Facebook, o Brecht Forum em Nova Iorque, Works Progress em Minneapolis, o Instituto de Estudos Globais da Universidade de Minnesota, o Instituto para a Agricultura e Política Comercial, o Centro Simpson para a Humanidades na Universidade de Washington, e o Espírito de 1848.

Finalmente, à Violet, extraordinária expedicionária, a quem dedico este livro, o meu mais profundo amor e afeto.

Diante de uma apreciação tão sincera, reivindico todos os erros aqui – e a

repercussão de todas as coisas apuradas – são apenas meus.

Eu posso ver aqui no espelho do banheiro do Milner Hotel os fios de Moirai, os três destinos crescendo rapidamente na barba por fazer. O tipo de império que bombardeou duas vezes as festas de casamento do Waziristão minou seus próprios esforços de guerra para proteger o agronegócio e matou 1,3 milhões de pessoas no Iraque, Afeganistão e Paquistão desde o 11 de setembro, com poucas diretrizes para insultar suas diretrizes principais. [9] Estou pronto para as consequências.

- Rob Wallace, Maio de 2015 -

[1] Quinn JT (2004) Memorandum for the Record: Boston, Massachusetts Summary. Disponível online em <https://catalog.archives.gov/id/2609657>

[2] Hulse C (2015). "Reclamações contra os sauditas são uma nova luz nas páginas secretas do relatório do 11 de Setembro." New York Times. 5 de Fevereiro. Disponível online em <http://www.nytimes.com/2015/02/05/us/claims-against-saudis-cast-new-light-on-secret-pages-of-9-11-report.html>.

[3] Chung J (2014). "Esta placa de queijo do 11 de Setembro pode ser a lembrança mais insípida do Museu do 11 de Setembro." The Gothamist. 22 de Maio 22. Disponível online em http://gothamist.com/2014/05/22/photo_finally_you_can_buy_a_911_che.php#photo-1.

[4] Wallace RG, HM HoDac, R Lathrop, and WM Fitch (2007). "A statistical phylogeography of influenza A H5N1." *Proceedings of the National Academy of Sciences* 104: 4473-8.

[5] Wallace R, D Wallace, and RG Wallace (2009). *Farming Human Pathogens: Ecological Resilience and Evolutionary Process* Springer, Dordrecht.

[6] Wallace RG (2009). *Farming Pathogens: Disease in a World of Our Making*. Available online at www.farmingpathogens.wordpress.com.

[7] Wallace RG (2004). "Projecting the impact of HAART on the evolution of HIV's life history." *Ecological Modelling* 176: 227-53

[8] Davis M (2005). *The Monster at Our Door: The Global Threat of Avian Flu*. New Press, New York.

[9] McKelvey T (2013). "Drones kill rescuers in 'double tap', say activists." BBC News. 22 October. Available online at <http://www.bbc.com/news/world-us-canada-24557333>;

Chandrasekaran R (2012). *Little America: The War within the War for Afghanistan*. Alfred A. Knopf, New York; Physicians for Social Responsibility, Physicians for Global Survival, and the International Physicians for the Prevention of Nuclear War (2015). *Body Count: Casualty Figures after 10 Years of the "War on Terror"*. First international edition. Washington DC. Available online at <http://www.psr.org/assets/pdfs/body-count.pdf>.

PARTE 1

“Sim, meu caro amigo. É minha suspeita que a Abelha Rainha tenha tolerado o zangão até agora – alcançando-nos, se quiserem, a uma falsa sensação de segurança. No entanto, agora a Abelha Rainha decretou que devemos descartar essa bengala mental em particular.

Isso não nos permitirá mais para obter qualquer conhecimento sobre o conteúdo de uma sala até que um de nós ... entre nela. E, nesse momento, impedirá que qualquer um de nós saia até termos resolvido esse problema.”

“Quer dizer que está mudando as regras à medida que avança?”

Hirz perguntou.

O Doutor virou a sua requintada máscara prateada na direcção dela:

“Que regras tinhas em mente, Hirz?”

— Alastair Reynolds (2002)

O GRANDE JOGO DE CULPA DA GRIPE AVIÁRIA

Uma rosa pode reter a sua fragrância sob todas as vicissitudes da taxonomia humana, mas nunca duvide do poder de um nome para moldar e dirigir os nossos pensamentos. -Stephen Jay Gould (2002)

Vocês dão nomes uns aos outros, dão todos os nomes para afirmar o vosso lugar. Mas nós também temos nomes. Tomamos a forma do que nos trouxe até aqui - e tomamos o nome do que matámos para ficar.- Adam Hines (2010)

A Organização Mundial da Saúde propôs uma nova nomenclatura para as várias cepas de influenza A (H5N1), o vírus da gripe aviária que circula na Eurásia e na África [1]. As cepas agora seriam enumeradas em vez de nomeadas por seus países ou regiões de origem.

A OMS declara que a mudança é necessária por causa da confusão causada por sistemas de nomes díspares atualmente usados na literatura científica. Um sistema unificado de nomenclatura facilitaria a interpretação dos dados genéticos e de vigilância gerado por diferentes laboratórios. Também forneceria uma estrutura para a revisão de nomes de cepas com base nas características virais. O novo sistema acabaria

ao mesmo tempo com a estigmatização causada quando as cepas de gripe recebem o nome de seus locais de origem. Eu sou um filogeógrafo de saúde pública. Eu uso as sequências genéticas dos vírus e bactérias, incluindo o H5N1, para fazer descobertas sobre a disseminação e a evolução da geografia dos patógenos. A nomenclatura proposta tem impacto direto no trabalho que faço.

Por um lado, as mudanças propostas parecem bastante razoáveis. O novo sistema que ofereceria o H5N1, que se espalhou para oeste a partir do lago Qinghai, no noroeste da China, através da Eurásia para África, passou subsequentemente por uma diversificação [2]. Os novos grupos devem de alguma forma ser designados como algo além do “like- Qinghai”.

Por outro lado, incluir a geografia no nome das cepas permite um reconhecimento mais fácil do que a enumeração aberta proposta pela OMS. “Like-Fujian” é mais facilmente identificável do que “Clade 2.2.4”. Talvez mais fundamentalmente, como uma variação definida nas proteínas de superfície da hemaglutinina e neuraminidase do vírus, muitas cepas de H5N1 estão geograficamente associadas, seja pela sua distribuição atual ou pelo seu local de origem. O Clade 2.1 está atualmente limitado à Indonésia. O Clade 2.2, do estreito de Quinhai, se espalhou para o oeste a partir do lago Qinhai (embora a cepa tenha sido rastreada desde um passo atrás até o lago de Poyang em Jiangxi) [3].

À primeira vista, isso parece um problema técnico que os cientistas e burocratas resolvem. Mas há algo mais em jogo. As mudanças propostas representam uma abordagem epidemiológica que pode ameaçar nossa capacidade de imputar as causas da gripe, implementar intervenções apropriadas e nomear os responsáveis pelo controle de surtos locais. Se uma cepa de gripe aviária parece emergir recentemente de uma província ou estado específico de um país afetado, esse país é responsável por intervir de maneira a controlar o surto e qualquer sequela. A classificação das cepas por seu provável local de origem nos lembra quais países são responsáveis e para onde a atenção deve ser direcionada. Mesmo das cepas subsequentemente disseminadas, suas origens geográficas são essenciais para se aprender mais sobre as características moleculares e epidemiológicas do vírus, além de impedir o surgimento de cepas similares.

A causa e a culpa, então, parecem ser o cerne da questão. A terminologia que a OMS caracteriza como “estigmatizante” pode ser vista unicamente como definitiva, uma parte da identificação da causalidade.

Infelizmente, sobre a primeira avaliação da posição da OMS tem a história a seu favor. A nomenclatura epidemiológica tem sido um campo minado. As doenças foram marcadas com rótulos infundados frequentemente inspirados na xenofobia. A doença francesa, a gripe espanhola, doenças atribuídas ao “Perigo Amarelo” – todas erroneamente afixadas ou associadas. Aqui, porém, a explicação da OMS parece dá uma impressão de flexibilidade. A gripe aviária não tem etiqueta geográfica e as origens dessas cepas são estabelecidas pela investigação científica em vez de fanatismo.

O guarda-chuva terminológico da OMS também parece ser excessivamente protetor. Devem os governos nacionais, cujas políticas contribuem para o surgimento de uma doença, serem tratados como se fossem minorias indefesas discriminadas por causa de uma noção mal concebida da etiologia da doença? Deve os ministérios da saúde e da agricultura serem considerados como tivessem sido alvo do preconceito

infundado que os haitianos sofreram nos primeiros dias da epidemia de AIDS?

Algo mais do que a sensibilidade da OMS para as injustiças passadas parece estar em jogo. Um estudo da recente economia política da gripe aviária mostrará a nomenclatura proposta como parte de um esforço da OMS para apaziguar os países membros que são atualmente visíveis fontes para muitas das novas cepas de gripe aviária. Sem a cooperação desses membros a OMS teria pouco ou nenhum acesso ao H5N1 a partir do qual sequências genéticas e possíveis vacinas podem ser derivadas.

No entanto, precisamos perguntar a que preço esse apaziguamento vem. Perderemos os meios próprios pelos quais manobrar países rebeldes em intervenção nas epidemias locais que possam ameaçar o bem estar do resto do mundo?

A nomenclatura proposta parece emblemática dos maiores esforços, em parte da OMS e muitos governos do mundo, para gerenciar em etapas uma pandemia de influenza. Para os loucos da conspiração, isso não quer dizer que a OMS ou qualquer laboratório ou agência de qualquer governo deu início a gripe aviária. Os vírus da gripe circula a muito tempo entre aves migratórias e nos últimos cem anos se adaptaram ao modo de vida industrial da humanidade [4]. A OMS também não é negligente. Acredito que a OMS realmente se concentrou no combate à gripe aviária.

Ainda assim, como muitas instituições, a OMS está manobrando para se proteger. O trem da gripe aviária pode ter já saído da estação epidemiológica e uma pandemia pode agora ser quase inevitável. No que seria uma falha catastrófica por partes dos governos e ministérios da saúde no mundo todo, milhões podem morrer.

Quem, então, se não os países afetados, se responsabilizará? As instituições internacionais encarregadas de impedir a catástrofe são muitas vezes bodes expiatórios das falhas de seus membros. A segunda guerra mundial destruiu a Liga das Nações. Uma pandemia poderia fazer o mesmo com a OMS. A nova nomenclatura pode representar um meio pelo qual a organização está saindo da linha de fogo da política.

REAÇÕES ADVERSAS

No final de 2006 o virologista Guan Yi e seus colegas da Universidade de Hong Kong relataram uma linhagem de H5N1 anteriormente não caracterizada que eles chamaram de “Like-Fujian”, depois da suposta origem na província chinesa [5]. Eles atribuíram o surgimento da cepa como uma reação evolutiva viral à campanha do governo para vacinar as aves. O vírus parecia evoluir sob a cobertura da vacina.

As autoridades chinesas foram agressivas, rejeitando as conclusões.

“Os dados citados no artigo não são autênticos e a metodologia da pesquisa não se baseava na ciência”, disse Jia Youling, autoridade veterinária da China, em entrevista coletiva. “De fato, não existe uma nova variante de vírus “tipo-Fujian””, disse Jia. [6]

O relatório da Universidade de Hong Kong pareceu embaraçar profundamente o governo chinês. Como as autoridades da OMS apontaram, se o governo, que tem um esforço paralelo de vigilância, não sabia do aparecimento da cepa, a nova cepa em

algumas cabeças, revela a incompetência governamental. Se as autoridades sabem da variedade de cepa do Like-Fujian, sua recusa em informar para a comunidade internacional implicaria um encobrimento da extensa linhagem de SARS. [7]

Mesmo sem os mapas da propagação local do H5N1, os chineses certamente reconheceriam que suas províncias do sul eram o marco zero para o primeiro e muitos outros subsequente surtos de H5N1.

Por outro lado, devemos considerar que a gripe aviária é um problema difícil para qualquer governo nacional. Imagine um surto rolando em vinte e seis estados do EUA – um Furacão Katrina ampliado. O CDC, o USDA e Fish and Wildlife, atualmente composto por membros da incompetente política de Bush, seria capaz de reagir diferentemente a qualquer ataque viral? Não desculpo o governo chinês, mas ofereço o reconhecimento como uma resposta preventiva ao que provavelmente serão as tentativa de pintar a gripe aviária como mais um caso de excepcionalidade chinesa. Os governos de todo o mundo são despreparados.

A pressão sobre as autoridades de saúde chinesas deve ser enorme e um tom de histeria é difícil de perder. Mas mesmo quando reconhecemos a origem da reação do governo, devemos aceitar as reivindicações transmitidas em sua manifestação?

“É totalmente infundado afirmar que o surto de gripe aviária nos países do sudeste asiático foram causados pela gripe aviária na China e haveria uma nova onda de surtos no mundo”, disse Jia. Não é verdade.

“Desde 2004, a China tem estado de olho na situação da gripe aviária nas regiões do sul”, disse o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores Liu Jianchao [8]. “A análise da sequência genética mostra que todas as variantes do vírus encontradas no sul da China partilham uma elevada uniformidade, o que significa que todos pertencem ao mesmo tipo de gene”. Também não é verdade.

“Não foi encontrada nenhuma mudança distinta em suas características biológicas”, continuou Liu. Novamente não é verdade.

Com colegas da Universidade da Califórnia, publiquei um relatório em março de 2007 que identificou a fonte geográfica de múltiplas cepas de influenza A (H5N1) [9] altamente patogênicas. Nossa análise das seqüências genéticas de H5N1 coletadas até 2005 em vinte localidades da Eurásia mostrou Guangdong, outra província do sudeste, a provável fonte de cepas de H5N1 espalhadas regionalmente dentro da China e em outros países, incluindo Indonésia, Japão, Tailândia e Vietnã.

Embora nosso trabalho não abordasse a variante Fujian, os resultados refutaram a afirmação de que a China não tinha nada a ver com repetidos surtos regionais e internacionais de H5N1. É claro que múltiplas cepas evoluíram e se dispersaram no sul da China e, como outros trabalhos mostram, continuam a fazê-lo. De fato, cientistas da Universidade Agrícola do Sul da China de Guangdong contribuíram para um relatório de 2005 mostrando que um novo genótipo do H5N1 surgiu no oeste de Guangdong em 2003-4. [10]

A reação oficial ao nosso trabalho foi quase idêntica na sua virulência àquela dirigida aos cientistas de Hong Kong. Yu Yedong, chefe do Instituto de Prevenção da Epidemia Animal de Guangdong e do Centro de Prevenção da Gripe Aviária de

Guangdong, chamou nosso trabalho de “não-científico” e “ridículo”. [11]

He Xia, porta-voz do Departamento Provincial de Agricultura de Guangdong, disse ao China Daily que o estudo apresentava falhas e faltava credibilidade [12]. “Na verdade, Guangdong não testemunhou nenhum caso de gripe aviária em 1996. Como resultado, as conclusões não se baseiam em fatos”, disse Xia.

As declarações dele são curiosas dado que amostras de H5N1 altamente patogênico foram isoladas por cientistas chineses de um surto de 1996 em uma fazenda de ganso em Guangdong [13]. As notícias durante o surto inicial de H5N1 em Hong Kong, em 1997, também detalharam a decisão das autoridades sanitárias locais de proibir a importação de aves de Guangdong, onde havia vários lotes de galinhas infectadas. [14]

MANIPULAÇÃO MULTILATERAL

O governo chinês não é a única fonte de negações e atrasos oficiais. A ministra da saúde da Indonésia, Siti Fadilah Supari, alegou que as descobertas de uma equipe da Universidade de Washington mostrando que um grupo de infecções entre membros de uma família Sumatran foram espalhadas por infecção de humano para humano tinha “enganado o público”. [15]

“É pura lógica... Se tivesse havido transmissão entre humanos, ela já teria varrido o país e matado milhares”, disse Supari a uma coletiva de imprensa [16]. A evidência de infecção de humano para humano, no entanto, não requer uma pandemia. Cadeias de transmissão podem queimar apenas por acaso.

Supari também trabalha na OMS. Ela foi eleita vice-presidente da Assembleia Mundial da Saúde em 2006 e este ano elegeu por unanimidade um membro do conselho executivo da OMS. O conselho executivo tem a sua quota-parte de problemas, particularmente a sua rede de interesses concorrentes [17]. Mas é possível imaginar o impacto na moral dos cientistas da OMS quando um membro da liderança da organização rejeita conclusões científicas em favor de um expediente nacionalista.

De fato, a equipe da OMS criticou abertamente Supari. Sobre outro assunto - a recusa da Indonésia em compartilhar amostras do H5N1 - David Heymann, diretor-geral adjunto da OMS para doenças transmissíveis, disse sobre Supari que “ela sempre disse que não confia na OMS, e está encontrando novas razões para não confiar em nós” [18]. Embora a OMS possa ter ajudado a criar essa desconfiança por si só.

A sublimação da prática científica por diretivas políticas não pode ser colocada apenas aos pés da China ou da Indonésia. Perverter a ciência para proveito político é, em si mesmo, uma fase pandêmica. Aqui nos Estados Unidos, os aparelhos da administração Bush revisaram o conteúdo de miríades de relatórios científicos - a base da realidade sobre a qual a ação governamental tem de ter lugar - para pontos políticos. Mudanças climáticas, desmatamento, poluição, células-tronco, AIDS e preservativos, evolução, o escritório do Cirurgião Geral e os Centros de Controle e Prevenção de Doenças têm sido deturpados ou interferidos pelos indicados de Bush, por muitos cientistas de lobbies corporativos, ou pelo direito religioso. [19]

Embora o Presidente Bush tenha prestado mais atenção a possibilidade de uma

pandemia de gripe do que, digamos, para o Katrina e suas consequência – ler o livro de John Barry sobre a pandemia de 1918 fará isso com você [20] - os Estados Unidos também têm perseguido uma agenda que protege as multinacionais farmacêuticas em detrimento da saúde global.

A última manobra envolve bloquear os esforços para reformar o sistema mundial de vacinas contra a gripe. Sob a Vigilância Global da Influenza Rede (GISN), os países têm nos últimos cinquenta e cinco anos, anualmente encaminhado amostras de cepas de gripe prevalentes para a Organização Mundial de Saúde [21]. A OMS oferece as amostras sem custos para as empresas farmacêuticas dispostas a fazer vacinas. As empresas vendem posteriormente as vacinas com lucro. As vacinas são assim disponibilizadas apenas para as populações capazes de as pagar, nomeadamente as pessoas que vivem em países altamente industrializados.

A Indonésia recusou-se agora a enviar as suas amostras de H5N1, num esforço para forçar mudanças no sistema, para disponibilizar vacinas ao seu próprio povo. A Indonésia, um epicentro primário dos surtos de H5N1, tem sofrido uma condenação considerável pela sua decisão, incluindo, como o comentário de Heymann deixa claro, da própria OMS. A Indonésia, em essência, mantém a saúde global como refém, recusando aos cientistas de todo o mundo o acesso a amostras locais da gripe das aves.

Tão imediatamente frustrante quanto a recusa é para os cientistas, incluindo filogeógrafos, o protesto da Indonésia é, em princípio, apenas um. As pessoas que não podem pagar os medicamentos mais recentes merecem ser protegidas de doenças mortais. Os detratores têm argumentado que o tempo está passando e que um surto que começa sem se deter na Indonésia não ajuda, incluindo, especialmente, os pobres de lá. Mas penso que o impasse pode ser rapidamente resolvido quando a ajuda internacional for prestada às fábricas de vacinas nos países mais pobres.

O problema é, naturalmente, que tal solução minaria a medicina impulsionada por ela, uma violação da globalização neoliberal idealizada pelos mais ricos apoiadores da OMS. Numa recente conferência internacional convocada em Genebra para resolver o impasse, os Estados Unidos e a União Européia bloquearam os esforços para reformar a GISN. Como relatado por Ed Hammond no blog Effect Measure, a interferência incluiu uma tentativa de inserir uma linguagem do Regulamento Sanitário Internacional da Assembléia Mundial da Saúde que teria forçado os países a transferir amostras de doenças para a OMS (mesmo que os Estados Unidos tenham citado a soberania nacional ao recusarem-se a devolver as amostras da gripe de volta à Indonésia). [22]

O impasse ainda pode muito bem ser resolvido - assim o esperamos para o bem de todos nós - mas o papel da intransigência dos EUA no assunto, ao contrário do da Indonésia, tem sido subestimado.

AVISOS PRÉVIOS

Os ataques ao nosso trabalho de filogeografia da gripe aviária chegaram através de funcionários do governo provincial na China, mesmo antes da publicação estar

disponível. Pequim, por outro lado, permaneceu curiosamente em silêncio.

Talvez a acumulação de trabalho mostrando o papel do sul da China na propagação do H5N1 tenha dado uma pausa ao governo central. Talvez Pequim só tenha o bom gosto de criticar o trabalho depois que ele foi publicado. Talvez o governo tenha aprendido com o episódio da SARS, durante o qual, erroneamente, prejudicou os cientistas estrangeiros, que não existia perigo. Ou talvez as autoridades tenham descoberto que Walter Fitch, chefe da equipe que produziu nosso relatório, fez uma apresentação sobre os métodos usados no estudo para uma platéia que incluía membros da Academia Chinesa de Ciências em Xangai, em dezembro de 2005. O trabalho não estava completamente fora do campo da esquerda.

As autoridades também podem ter reconhecido que uma denúncia mais ampla pode atrair mais atenção para a longa história da China com a gripe. Foram descobertos vários subtipos que emanam do sul da China, incluindo Guangdong, durante décadas [23]. No início dos anos 80, o microbiologista da Universidade de Hong Kong Kennedy Shortridge identificou 46 das 108 combinações diferentes possíveis de hemaglutinina e subtipos de neuraminidase que circulavam no mundo inteiro naquela época em uma única fábrica de aves de Hong Kong. [24]

No boletim da própria OMS escrito em 1982, Shortridge detalhou as razões prováveis pelas quais o sul da China serviria como ponto zero para a próxima pandemia de gripe:

- O sul da China hospeda a produção em massa de patos em inúmeras lagoas, facilitando a transmissão fecal-oral de múltiplos subtipos de influenza;
- A maior mistura de serótipos da gripe no sul da China aumenta a possibilidade da combinação correta de segmentos genéticos surgir por reordenação genética, selecionando para uma nova linhagem humana emergente;
- A gripe circula o ano inteiro, sobrevivendo ao período inter-epidêmico através da transmissão através do modo fecal-oral da infecção;
- A proximidade da habitação humana no sul da China proporciona uma interface ideal através da qual pode surgir uma cepa humana específica.

As condições que Shortridge delineou desde então só se intensificaram com a liberalização da economia chinesa. Milhões de pessoas mudaram-se para Guangdong na última década, uma parte de um dos maiores eventos migratórios da história humana, da China rural para cidades das províncias costeiras. [25] As mudanças concomitantes na tecnologia agrícola e na estrutura de propriedade colocaram centenas de milhões a mais de aves de capoeira em produção. [26] A carne de pato na China, por exemplo, triplicou durante os anos 90.

Em 1995, dois anos antes do primeiro surto de H5N1 em Hong Kong, Shortridge, em estreito contato com colegas do continente, advertiu novamente que a próxima estirpe pandêmica iria surgir no sul da China.[27] “Devem ser feitos todos os esforços para melhorar as capacidades de diagnóstico na China e as linhas de comunicação com os centros provinciais e municipais de saúde e de prevenção de epidemias e depois com o Centro Nacional da Gripe, em Pequim”, aconselhou Shortridge.

A China é um país de um bilhão de pessoas e seria absurdo esperar algo mais do que uma variedade de respostas à pesquisa. O despedimento não tem sido a única reação.

Em Abril de 1982, Shortridge e colegas convocaram uma reunião de virologistas e oficiais de saúde animal de Hong Kong e da China para discutir o possível surgimento de uma infecção humana específica de influenzas que circulam na região [28]. Os participantes incluíram Yuanji Guo do Instituto de Virologia da Academia Chinesa de Ciências Médicas, F.A. Liu e S.C. Au do Departamento de Criação Animal e Medicina Veterinária do Colégio Agrícola do Sul da China, situado em Guangzhou, capital de Guangdong, e G. Z. Shen da Estação de Saúde e Anti-Epidemia de Guangzhou. Os esforços de boa fé na colaboração científica têm sido praticados há muito tempo.

Recebi e-mails de cientistas de instituições de toda a China após a publicação do nosso artigo sobre a filogeografia da gripe aviária. Os e-mails foram cheios de insights fascinantes, perguntas sobre metodologia e críticas sérias. Um cientista do Centro de Saúde Animal e Epidemiologia da China em Qingdao perguntou sobre amostragem e estimativa de erros em nossa análise e levantou a questão se Hong Kong e Guangdong deveriam ser agrupados em uma única unidade epidemiológica.

Em resumo, muitos cientistas chineses têm tratado a gripe das aves de uma forma dedicada e séria. Na verdade, uma boa parte do trabalho aqui citado foi conduzido por chineses do continente. Os seus esforços para descobrir a natureza do que está acontecendo no seu próprio país, e noutros lugares, devem ser aplaudidos. Isso é diferente, no entanto, de oferecer ao governo chinês uma desculpa prima facie pelas responsabilidades que detém ao permitir condições que levaram a um desastre epidemiológico.

A CULPA É UMA COISA BOA

O confronto sobre a linhagem Fujian parecia parte de uma disputa contínua entre o governo chinês e Guan Yi, o cientista de Hong Kong e líder da equipe que produziu o relatório sobre a nova variante viral.

Em 2003, quando a SARS surgiu em Guangdong, Guan contrabandeou amostras de doentes que sofriam da misteriosa nova pneumonia [29]. Guan retirou as amostras sob um embargo imposto por Pequim quando poucas amostras estavam disponíveis para análise em qualquer lugar. Desde então, Guan tem chamado repetidamente o governo à sua inação em relação à gripe aviária [30]. Em 2005, o governo ameaçou fechar o laboratório Shantou de Guan em retaliação.

A disputa parece estar ligada às objeções da veterinária chefe Jia Youling a um caso de crédito roubado. No início de 2006, Jia reclamou que cientistas ocidentais reivindicaram a autoria exclusiva de um artigo que incluía amostras fornecidas por cientistas do governo chinês. [31]

Num esforço para manter o acesso a um fluxo de amostras chinesas de H5N1, a Organização Mundial de Saúde pediu desculpas pelo crédito em fuga. Mas num caso claro de apaziguamento pouco relacionado com a ofensa original, a China também ganhou a advertência da OMS de que nenhuma estirpe de gripe aviária deveria ser identificada com qualquer área, dezesseis meses antes das revisões propostas na nomenclatura do H5N1.

“É muito importante que a nomeação dos vírus seja feita de forma a não estigmatizar os países, não estigmatizar as regiões e não estigmatizar as pessoas individualmente”, disse David Heymann, o diretor-geral adjunto da OMS para as doenças transmissíveis. Talvez o cinismo abjeto seja injustificado. Heymann, afinal, tinha expressado sentimentos semelhantes durante o surto de SARS [32]. O comércio de cavalos aqui, no entanto, é óbvio.

Outra tática é admitir as origens geográficas, mas mudar a atenção para as circunstâncias atuais. Em resposta ao nosso trabalho mostrando que o sul da China é uma fonte de múltiplas estirpes de H5N1, o porta-voz da OMS Gregory Hartl observou que as origens continentais já eram conhecidas e que “o que é mais importante para nós e para qualquer pessoa que trabalha no campo da vigilância é tenta conter e combater o H5N1... é saber onde o vírus está agora, o que ele faz e que cepas estão circulando mais amplamente”. [33]

Não importa que as linhagens de H5N1 continuem a emergir do sul da China. Não importa que o curso atual da gripe aviária esteja inextricavelmente entrelaçado com suas origens - a história do vírus importa. As origens do H5N1 fornecem-nos mais do que um contexto epidemiológico. Há questões fundamentalmente pragmáticas envolvidas na identificação dos dados das cepas, incluindo a descoberta dos mecanismos de propagação e evolução da gripe.

Não importa também que o apelo por uma nomenclatura mais clemente não tenha impedido o governo chinês de colocar a culpa em outros países. Beijing News entrevistou a Vice-Ministra da Agricultura Yin Chengjie que disse que a China precisava fortalecer seu monitoramento e combate aos sistemas nacionais por causa dos recentes surtos em “países vizinhos”, uma referência aparente ao Vietnã e a outras partes da Indochina. [34]

“A doença tem continuado a se espalhar nos países vizinhos. Isso representa um grande perigo para o nosso trabalho de prevenção e controle”, disse Yin. Isso é absolutamente correto. Mas o que é bom para o ganso doente, é bom para o ganso doente. A China não pode extrair um passe livre da culpa da gripe aviária enquanto coloca o mesmo sobre os seus vizinhos.

O Vietnã, por sua vez, desde então, tem relatado que a variedade Fujian apareceu em várias de suas províncias do norte e do sul. Ao descrever os surtos, as autoridades vietnamitas usaram a palavra F, como Crawford Kilian do blog “H5N1” a cunhou.

No entanto, no geral, a OMS tem razão. Desde 1580, os surtos de gripe que se espalharam pela Eurásia têm sido atribuídos e - nomeados depois - de terras estrangeiras muitas vezes com base em provas precárias[35]. Os nomes da gripe têm sido tão significantes de xenofobia e bode expiatório como para qualquer outra doença, incluindo, infamemente, as DST. A gripe “espanhola” de 1918 não surgiu pela primeira vez na Espanha, mas foi primeiro reportada lá por uma das poucas agências de notícias da Europa autorizadas a operar sem censura durante a Primeira Guerra Mundial. A OMS, então, não está incorreta em seus esforços para desestigmatizar as cepas da gripe aviária, nem que seja apenas por suas boas intenções.

A história mostra que os chineses têm motivos particulares de preocupação. A Terceira Pandemia da Peste começou na província de Yunnan em 1855, antes de infectar milhões em todo o mundo nos cem anos seguintes. A doença foi essencializada por sinófbos como um marcador do povo de um país e foi um motivo para voltar atrás

na migração dos grotescos “Perigo Amarelo” - grotescos racistas implantados para ganho nativista.

A terrível ironia, no entanto, é que a próxima pandemia de influenza será a primeira para a qual os cientistas poderão identificar uma localidade de origem, mesmo que a amostragem continue a melhorar para a própria fazenda de origem ou pela coordenação dos Sistemas de Posicionamento Global [36]. E essa é provavelmente uma razão pela qual o governo chinês e os de outros países afetados apoiam ou pressionam pela nova nomenclatura. A investigação científica pode mostrar que um ou mais destes governos são culpados por qualquer pandemia humana que surja.

A localidade tem significado para além de onde o patógeno teve origem. As condições locais impostas pelas políticas públicas e práticas sociais moldam a evolução viral. Outras crises e condições, ao contrário, são menos encaradas com tal causalidade imediata. A Suécia, por exemplo, não registrou protestos junto à ONU sobre a “Síndrome de Estocolmo”, nem a Alemanha sobre o vírus Marburg.

Dito isto, as origens do H5N1 altamente patogénico são multifatoriais, com muitos países e indústrias culpados. Podemos então culpar o país, digamos, a Indonésia, o Vietnã ou a Nigéria, do qual pode surgir primeiro uma pandemia entre humanos? Devemos culpar a China por semear repetidamente surtos regionais e internacionais? Ou devemos culpar os Estados Unidos, onde o modelo industrial de aves integradas verticalmente se originou pela primeira vez, com milhares de aves embaladas como alimento para a gripe? [37] As respostas são sim, sim, e sim...

A culpa, tanto quanto o problema em si, deve ser distribuída sobre seus múltiplos níveis de organização social e ecológica, e sim, as localidades. Tentativas de apaziguar países membros com taxonomia politicamente correta podem, de outra forma, dissipar esforços honestos para identificar as causas da epidemia. Cada país fonte, região, pessoas, para usar a lista de Heymann - deve sugar a sua responsabilidade e, o mais importante, transformar a culpa em ações sérias, concretas e de base ampla.

A curto prazo, os pequenos agricultores devem ser compensados de forma justa pelas aves abatidas, num esforço para controlar os surtos. O comércio de aves de capoeira deve ser melhor regulado nas fronteiras internacionais [38]. Os pobres do mundo devem receber assistência epidemiológica, assim como vacinas e antivirais, sem custo algum. [39] Os programas de ajustamento estrutural que degradam a infra-estrutura de saúde animal nos países mais pobres devem ser encerrados. [40]

A longo prazo, temos de acabar com a indústria avícola tal como a conhecemos. A gripe aviária surge agora através de uma rede globalizada de produção e comércio avícola corporativo, onde quer que as cepas específicas evoluam primeiro. Devemos devolver grande parte da produção a fazendas menores, de propriedade local [41]. As monoculturas genéticas de aves domesticadas devem ser diversificadas de volta às variedades de herança, como corta-fogo imunológico. As aves migratórias, que servem como fonte de cepas de influenza, devem ser desmamadas fora das terras agrícolas, onde se cruzam com aves doméstica [42]. Para isso é necessário restaurar as zonas úmidas do mundo inteiro, habitat natural das aves selvagens.

A capacidade global de saúde pública também deve ser reconstruída [43]. Essa capacidade é apenas a remediação mais imediata para a pobreza, desnutrição e outras manifestações de violência estrutural que promovem o surgimento e a mortalidade

de doenças infecciosas, incluindo a gripe [44]. A gripe pandêmica e interpandêmica tem o maior impacto sobre os mais pobres [45]. E, como para qualquer infecção, uma ameaça a um é uma ameaça a todos.

Só quando estes objetivos forem atingidos é que seremos capazes de nos cobrir contra o H5N1 e os outros serótipos de gripe-H5N2, H6N1, H7N2, H7N7, H9N2 - agora revestindo através de fazendas fabris como depressões tropicais no oceano.

SEM ETIQUETAS GENÉRICAS

Juntamente com o amplo plano aqui delineado, a natureza das interações da Organização Mundial da Saúde com a China deve mudar.

Durante a epidemia da SARS, o governo chinês fez de boba a OMS. O governo tomou medidas extraordinárias para impedir os cientistas da OMS de visitar Guangdong, a fonte original da epidemia[46]. Numa escapada de cair o queixo, cientistas da OMS foram enviados numa perseguição aos gansos selvagens em Pequim. Durante semanas o Ministério da Saúde chinês negou que Pequim tivesse sofrido mais do que alguns casos da SARS. Enquanto os cientistas da OMS visitavam os hospitais locais, o serviço municipal de saúde de Pequim descarregava dezenas de doentes mortais com SARS em ambulâncias que circulavam pela cidade até os representantes da OMS deixarem cada hospital.

Uma vez exposto o ardil, o ministro da saúde foi demitido e Hu Jianto, o novo líder da China, enviou o governo chinês na cara de pau. O governo fez da SARS uma prioridade chave e impôs um confinamento virtual às áreas afetadas.

A capacidade do governo chinês de impor medidas de saúde pública tão drásticas pode ser tomada como o infeliz lado positivo de uma ditadura. Exceto, claro, que o tratamento de dados de saúde pública da China como segredos de Estado ajudou a provocar a crise em primeiro lugar. Os médicos nas províncias recentemente infectadas foram mantidos durante muito tempo no escuro quanto à natureza do misterioso patogénico, atrasando o tratamento apropriado e espalhando a SARS para a sua próxima cidade.

Desde a SARS, a OMS chegou aparentemente a uma melhor relação de trabalho, embora ainda tênue, com o governo chinês [47]. Um maior acesso a amostras e locais parece ser a norma para uma série de patógenos. Isso é bom. Mas se há uma coisa que aprendi na reação ao nosso relatório de pesquisa, é que a cooperação tem um preço.

A OMS participa voluntariamente dos esforços de propaganda da China para minimizar, ou mesmo negar, as responsabilidades do governo pelos surtos. Uma e outra vez, mesmo quando as autoridades chinesas arrancam os pés, os funcionários da OMS são chamados a desviar as críticas externas e a elogiar a abertura epidemiológica da China (a luz do sol que outros países devem manter como prática padrão internacional). É um autobronzeamento que quase explodiu na cara da OMS durante o surto da SARS.

A OMS pode considerar um preço adequado o trabalho de alguns cientistas independentes. O governo chinês, afinal, é um dos principais clientes da organização,

e o acesso a amostras é imperativo. O que acontece, porém, quando os interesses dos governos entram em conflito com a saúde dos povos do mundo? Como o governo chinês protege minha esposa, meu barbeiro, o estudante de medicina de Xangai que me enviou um e-mail, Peter e Kate e seu filho Julian, Felipe Pichardo, a tia Adrienne? Quando e onde estão representados os seus interesses? Os diplomatas-cientistas muitas vezes confundem o grande jogo com a forma como o mundo funciona. Certamente as negociações entre países e instituições são uma parte do mundo, mas não são o seu fim. Um H5N1 em evolução ameaça milhões de pessoas ao longo do caminho. Eles contam...

Os funcionários da OMS podem responder que, ao tentarmos cooperar o suficiente fora da China, podemos parar a próxima pandemia e salvar a sua família e amigos. Mas com o H5N1 agora atravessando toda a Eurásia e África essa estratégia deve ser considerada um fracasso. A cooperação pouco qualificada da OMS pode, em vez disso, dar cobertura às práticas agrícolas e de saúde pública que colocaram o mundo no precipício da sua próxima pandemia.

Os governos chineses precisam parar de interferir na OMS (e os EUA, claro). Acima de tudo, a OMS deve evitar colocar cepas de gripe aviária da marca chinesa sob rótulos genéricos. "Qinghai-like", "Fujian-like", esses nomes devem permanecer intactos, se é que isso lembra que a gripe aviária tem origens específicas. A melhor maneira que os chineses ou qualquer outro governo pode evitar o ferrão da nomenclatura é conceber e promulgar meios para evitar que as próximas cepas surjam em primeiro lugar. Não haveria então nenhum vírus para nomear.

A China poderia razoavelmente argumentar que uma taxonomia mais fina é preferível. Uma vez identificadas as fábricas que serviram os últimos surtos virulentos, novas cepas podem ser rebatizadas após suas fontes corporativas: a cepa Bernard Matthews, o vírus Charoen Pokphand, o grupo Tyson.

Em qualquer das nomenclaturas, as reputações serão manchadas, sim, não por fanatismo ou injustiça, mas pela infâmia que governos e empresas trouxeram a si mesmos ao colocar muitos milhões de pessoas em perigo.

- Blog H5N1, 27 de dezembro de 2007 -

[1] OMS, Towards a Unified Nomenclature System for the Highly Pathogenic H5N1 Avian Influenza Viruses. Disponível online em http://www.who.int/crs/disease/avian_influenza/guidelines/nomenclature/en/index.html.

[2] Salzberg SL, C. Kingsford, G. Cattoli, DJ Spiro, DA Janies et al. (2007). "Genome analysis linking recent European and African influenza (H5N1) virus". *Emergente Infect Dis.* 13: 713

[3] Chen H, GJD Smith, JS Li, J Wang, XH Fan et al. (2006). "Establishment of multiple sublineages of H5N1 influenza virus in Asia: implications for pandemic control." *Proc Natl Acad Sci USA* 103: 2845.

[4] Patterson KD (1986). *Pandemic Influenza, 1700-1900: A Study in Historical Epidemiology*, Rowman & Littlefield Publishers, Totowa, NJ.

[5] Smith GJD, XH Fan, J Wang, KS Li, K Qin, JX Zhang et al. (2006). "Emergence and pre-dominance of an H5N1 influenza variant in China." *Proc Natl Acad Sci USA* 103: 16936.

[6] Reuters (2006). "China shares bird flu samples, denies new strain report." 10 November. Available online at <http://www.alertnet.org/thenews/newsdesk/PEK2663.htm/>.

[7] Greenfeld KT (2007). *China Syndrome: The True Story of the 21st Century's First Great Epidemic*. Harper Perennial. Em 2003 o governo chinês levou meses para informar o mundo sobre a SARS, um coronavírus respiratório mortal que teve origem na província de Guangdong, no sudeste do país.

[8] Anonymous (2006). "Ministries refute bird flu virus rumour in China." *China Daily*. 3 November. Available online at http://english.peopledaily.com.cn/200611/03/eng20061103_317874.html.

[9] Wallace RG, H HoDac, RH Lathrop and WM Fitch (2007) "A statistical phylogeography of influenza A H5N1." *Proc Natl Acad Sci USA* 104: 4473.

[10] Wan X-F, T Ren, K-J Luo, M Liao, G-H Zhang et al. (2005). "Genetic characterization of H5N1 avian influenza viruses isolated in southern China during the 2003-04 avian influenza outbreaks." *Archives of Virology* 150: 1257

[11] Huang K and MA Benetiz (2007). "Guangdong ridicules H5N1 claims." *South China Morning Post*. 7 March.

[12] CIDRAP News (2007) "H5N1 death in Laos confirmed; Chinese reject research report." 8 March. Available online at <http://www.cidrap.umn.edu/cidrap/cotent/influenza/avianflu/news/mar0807avian.html>.

[13] Tang X, G Tian, J Zhao and KY Zhou (1998) "Isolation and characterization of prevalent strains of avian influenza viruses in China." *Chin. J. Anim. Poult. Infect. Dis.* 20: 1 (in Chinese); Mukhtar MM, ST Rasool, D Song, C Zhu, Q Hao et al. (2007). "Origins of highly pathogenic H5N1 avian influenza virus in China and genetic characterization of donor and recipient viruses." *Journal of General Virology* 88: 3094. Em 1999, o genótipo de 1996 foi novamente isolado em Hong Kong, num carregamento de gansos de Guangdong. Recentemente, cientistas do continente colocaram a hipótese de que o genótipo de Guangdong de 1996 surgiu a partir de uma recombinação de H3 e H7 cepas isoladas nas proximidades de Nanchang e um vírus H5 japonês. Cepas H5 de baixa patogenicidade circulam pelo mundo, incluindo um surto recente na Pensilvânia.

[14] Kang-Chung N (1997). "Chicken imports slashed by third." *South China Morning Post*. 15 December.

- [15] Yang Y, ME Halloran, JD Sugimoto and IM. Longini, Jr. (2007). "Detecting human-to-human transmission of avian influenza A (H5N1)." *Emerg Infect Dis.* 13: 1348.
- [16] Reuters (2007). "Indonesia dismisses human-to-human bird flu report." 3 September. Available online at <http://www.reuters.com/article/healthNews/idUSPAR3648220070903>.
- [17] Horton R (2006). "WHO: strengthening the road to renewal." *Lancet* 367: 1793.
- [18] Enerink M and D Normille (2007). "More bumps on the road to global sharing of H5N1 samples." *Science* 318: 1229
- [19] Shulman S (2006). *Undermining Science: Suppression and Distortion in the Bush Administration*. University of California Press. Berkeley, CA.; Mooney C (2005). *The Republican War on Science*. Basic Books, New York; Reuters (2007). "Former Bush surgeon general says he was muzzled. 10 July. Available online at <http://www.reuters.com/article/politicsNews/idUSN1034212120070710>; Hebert HJ (2007). "White House edited CDC climate testimony." *Associated Press*. 24 October. Available online at http://news.yahoo.com/s/ap/20071024/ap_on_go_ca_st_pe/global_warming_health_21. Há também a ladainha de mentiras e subterfúgios em torno de questões científicas relacionadas com a ocupação do Iraque e a guerra ao terror. O bolo amarelo do Níger. Bolo de fósforo branco em Fallujah. Psicólogos em Guantánamo. Anthrax de Fort Detrick. Estimativas de mortos iraquianos. Os bilhões de dólares e capital político gastos em visitas de morte e destruição no Iraque poderiam têm sido usadas contra a gripe das aves, uma ameaça substanciada aos interesses dos EUA e à estabilidade global. A guerra também torna o Iraque vulnerável à gripe das aves. Como mostram os recentes surtos de cólera no Iraque, a guerra destrói a infra-estrutura da saúde pública com consequências devastadoras.
- [20] Barry JM (2004). *The Great Influenza: The Epic Story of the Deadliest Plague in History*. Viking Penguin, New York.
- [21] Fidler DP (2008). "Influenza virus samples, international law, and global health diplomacy." *Emerg Infect Dis.* 14: 88.
- [22] Revere (2007). "Flu virus sharing summit: wrap up." *Effect Measure blog*. 24 November. Available online at http://scienceblogs.com/effectmeasure/2007/11/flu_virus_sharing_summit_wrap_1.php. Hammond reports the conference was crawling with pharmaceutical representatives that WHO invited.
- [23] Chang WK (1969). "National influenza experience in Hong Kong." *Bull World Health Organ.* 41: 349; Shortridge KF and CH Stuart-Harris (1982). "An influenza epicenter?" *Lancet* 2: 812; Xu KM , GJ Smith, J Bahl, L Duan, H Tai et al. (2007). "The genesis and evolution of H9N2 influenza viruses in poultry from southern China, 2000 to 2005." *J Virol.* 81: 10389; Cheung CL, D Vijaykrishna, GJ Smith, XH Fan, JX Zhang et al. (2007). "Establishment of influenza A virus (H6N1) in minor poultry in southern China." *J Virol.* 81: 10402
- [24] Shortridge KF (1982). "Avian influenza A viruses of southern China and Hong Kong: ecological aspects and implications for man." *Bull World Health Organ.* 60: 129
- [25] Fan CC (2005). "Interprovincial migration, population redistribution, and regional development in China: 1990 and 2000 census comparisons." *The Professional Geographer* 57: 295.
- [26] Sun AD, ZD Shi, YM Huang and SD Liang (2007). "Development of out-of-season

- laying in geese and its impact on the goose industry in Guangdong Province, China." *World's Poultry Science Journal* 63: 481; Luo X, Y Ou and X Zhou (2003). *Livestock and Poultry Production in China*. Paper presented at Bioproduction in East Asia: Technology Development & Globalization Impact, a pre-conference forum in conjunction with the 2003 ASAE Annual International Meeting, 27 July 2003, Las Vegas, Nevada. ASAE Publication Number 03BEA-06, ed. Chi Thai. Available online at <http://asae.frymulti.com/request.asp?JID=5&AID=15056&CID=bea2003&T=2>; Burch D (2005). "Production, consumption and trade in poultry: Corporate linkages and North-South supply chains." In N Fold and W Pritchard (eds). *Cross-continental Food Chains*. Routledge, London
- [27] Shortridge KF (1995). "The next pandemic influenza virus?" *Lancet* 346: 1210.
- [28] Shortridge KF and CH Stuart-Harris (1982). "An influenza epicenter?"
- [29] Greenfeld KT (2007). *China Syndrome: The True Story of the 21st Century's First Great Epidemic*.
- [30] York G (2005). "China hiding bird-flu cases: expert." *Globe and Mail*. 9 December.
- [31] Zamiska N (2006). "How academic flap hurt effort on Chinese bird flu." *Wall Street Journal*. 24 February.
- [32] Greenfeld KT (2007). *China Syndrome: The True Story of the 21st Century's First Great Epidemic*.
- [33] Wan X-F, T Ren, K-J Luo, M Liao, G-H Zhang et al. (2005). "Genetic characterization of H5N1 avian influenza viruses isolated in southern China during the 2003–04 avian influenza outbreaks."
- [34] AFX News Limited (2007). "Parts of China not fully ready against bird flu—official." 19 September.
- [35] Patterson KD (1986). *Pandemic Influenza, 1700–1900: A Study in Historical Epidemiology*; Pyle GF (1986). *The Diffusion of Influenza*. Rowman & Littlefield, Totowa, NJ.
- [36] Wallace RG, H HoDac, RH Lathrop and WM Fitch (2007). "A statistical phylogeography of influenza A H5N1."; Kidd DM and MG Ritchie (2006). "Phylogeographic information systems: putting the geography into phylogeography." *Journal of Biogeography* 33: 1851.
- [37] Boyd W and M Watts (1997). "Agro-industrial just in time: the chicken industry and postwar American capitalism." In D Goodman, MJ Watts (eds). *Globalising Food: Agrarian Questions and Global Restructuring*. Routledge, London.
- [38] Kilpatrick AM, AA Chmura, DW Gibbons, RC Fleischer, PP Marra and P Daszak (2006). "Predicting the global spread of H5N1 avian influenza." *Proc Natl Acad Sci USA*. 103: 19368; Wallace RG and WM Fitch (2008). "Influenza A H5N1 migration is filtered out at some international borders." *PLoS ONE*. 3(2): e1697
- [39] Cristalli A and I Capua (2007). "Practical problems in controlling H5N1 high pathogenicity avian influenza at village level in Vietnam and introduction of biosecurity measures." *Avian Disease* 51(1 Suppl): 461; Ferguson N (2006). "Poverty, death, and a future influenza pandemic." *Lancet* 368: 2187. Em um ato de boa vontade internacional, a China doou recentemente mais de 500 mil dólares para o esforço da Nigéria no combate à gripe aviária. É claro que a Nigéria nunca teria precisado da ajuda se a China não a tivesse infectado com a gripe aviária em primeiro lugar. A variedade Qinghai-like que a Nigéria agora hospeda é originária do sul da China.
- [40] Rweyemamu M, R Paskin, A Benkirane, V Martin, P Roeder et al. (2000).

“Emerging diseases of Africa and the Middle East.” *Annals of New York Academy of Sciences* 916: 61.

[41] Greger M (2006). *Bird Flu: A Virus of Our Own Hatching*. Lantern Books.

[42] Gilbert M, X Xiao, W Wint and J Slingenbergh (2014). “Poultry production dynamics, bird migration cycles, and the emergence of highly pathogenic avian influenza in East and Southeast Asia.” In R Sauerborn, LR Valérie (eds). *Global Environmental Change and Infectious Diseases: Impacts and Adaptations*. Springer Verlag, Berlin; Rapport D, J Howard, L Maffi and B Mitchell (2006). *Avian Influenza and the Environment: An Ecohealth Perspective*. UNEP, New York. Available online at http://www.unep.org/dewa/products/publications/2006/DRapport_AI_Final_180506_Edit3.doc.pdf

[43] Garrett L (2001). *Betrayal of Trust: The Collapse of Global Public Health*. Hyperion, New York.

[44] Kim JY, JV Millen, A Irwin and J Gershman (eds) (2000). *Dying for Growth: Global Inequality and the Health of the Poor*. Common Courage Press, Boston.

[45] Davis M (2005). *The Monster at Our Door: The Global Threat of Avian Flu*. New Press, New York.

[46] Greenfeld KT (2007). *China Syndrome: The True Story of the 21st Century's First Great Epidemic*.

[47] Na época, o governo chinês advertiu a imprensa local para não imprimir nada mais sobre novos surtos do que declarações oficiais, inclusive sobre um surto de Guangzhou que irrompeu em novembro de 2007. Nenhuma notícia é boa notícia, especialmente com a aproximação dos Jogos Olímpicos de Pequim 2008.



faccaoficticia.noblogs.org

Está é uma versão em do primeiro capítulo do livro “Grandes Fazendas Produzem Grandes Gripes: Expedições Sobre a Influenza, Agronegócio e Ciência da Natureza”, livro de 2016, escrito pelo cientista e socialista Rob Wallace, que analisa as terríveis relações entre expansão do agro-negócio no capitalismo e o surgimento de epidemias como SARS, Zika, Ebola, H1N1, H5N1 e muitas outras doenças infecciosas.

Robert Wallace é biólogo evolucionista, filogeógrafo e uma das principais fontes citadas pelo já célebre artigo “Contágio Social – coronavírus, China, capitalismo tardio e o ‘mundo natural’”, dos comunistas chineses do Coletivo Chuang, que apresentam críticas contundentes ao capitalismo de estado e extremamente autoritário da China, ao capitalismo ocidental e as narrativas racistas e superficiais sobre a pandemia. Na nossa opinião uma das melhores análises até o presente momento sobre a pandemia em curso.

